



A guerra em seis romances de João Paulo Borges Coelho

Ana Beatriz Matte Braun

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba (PR), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7074-3617>

E-mail: anabeatrizbraun@gmail.com

RESUMO

O propósito deste artigo é analisar o modo como a guerra aparece em um conjunto de seis romances do ficcionista moçambicano João Paulo Borges Coelho. Os livros *As Duas Sombras do Rio* (2003), *As Visitas do Dr. Valdez* (2004), *Crônica da Rua 513.2* (2005), *Campo de trânsito* (2009), *O Olho de Hertzog* (2010) e *Rainhas da Noite* (2013) exploram enredos ambientados ao longo das duas grandes guerras que marcaram Moçambique ao longo do século XX, a Guerra Colonial e a Guerra Civil, assim como as múltiplas formas de violência delas decorrentes. O artigo visa mostrar que há, nesses romances, homologia no tratamento conferido à maneira como as personagens vivem o cotidiano de guerras e conflitos, de acordo com o período histórico que está em discussão, indicando os modos preferenciais do autor de tratar da história em Moçambique na literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Guerras em Moçambique; Romance moçambicano; João Paulo Borges Coelho.

War in Six Novels by João Paulo Borges Coelho

ABSTRACT

This article aims to analyze how war appears in a set of six novels by Mozambican fiction writer João Paulo Borges Coelho. The novels *As duas sombras do rio* (2003), *As visitas do Dr. Valdez* (2004), *Crônica da Rua 513.2* (2005), *Campo de trânsito* (2009), *O Olho de Hertzog* (2010) e *Rainhas da noite* (2013) explore plots set during the two major wars that marked Mozambique throughout the 20th century, the Colonial War and the Civil War, as well as the multiple forms of violence resulting from them. The article aims to show that there is, in these novels, homology in the treatment given to how the characters live the daily life of wars and conflicts, according to the historical period under discussion, indicating the author's preferred ways of dealing with Mozambican history in literature.

KEYWORDS: Wars in Mozambique; Mozambican novel; João Paulo Borges Coelho.



1. Introdução

Conforme se sabe, a guerra é temática recorrente na literatura produzida na África, continente mergulhado em conflitos políticos e armados especialmente ao longo do século XX. Em grande parte orientada pelos desdobramentos de inúmeras guerras, a produção ficcional africana recente gerou uma quantidade considerável de obras que buscam tematizar e refletir sobre as causas e efeitos, a extrema violência e a desumanização geradas em tais contextos. Um breve exame da produção literária africana contemporânea mostra que são poucos os/as autores e autoras que não se dedicaram ao tema; atitude devida, em grande parte, ao compromisso assumido por escritores e escritoras de discutir as tragédias humanitárias que ali se produziram, responsáveis por desestabilizar o funcionamento do continente.

João Paulo Borges Coelho, um dos principais escritores de Moçambique da atualidade e historiador de formação, publicou, ao longo de sua extensa carreira intelectual, relevante obra dedicada ao debate sobre as guerras moçambicanas, às quais ele nomeia “Guerra Colonial” e “Guerra Civil”: dois conflitos “intensos e duradouros que destruíram grande parte do país e provocaram alterações profundas na ordem política e social” (Coelho, 2001, p. 75) da nação. Dono de projeto ficcional bastante próprio no campo literário moçambicano, o autor tem se dedicado à necessária discussão crítica dos impactos da guerra colonial e do conflito armado no período nacional, do pós-independência, no âmbito das vivências moçambicanas, em especial quanto à alienação dos sujeitos em nome de eventos e projetos políticos.

O objetivo do presente artigo é refletir sobre os modos de narrar a guerra em seis romances de João Paulo Borges Coelho. *As duas sombras do rio* (2003), *As visitas do Dr. Valdez* (2004), *Crónica da rua 513.2* (2005), *Campo de trânsito* (2009), *O Olho de Hertzog* (2010) e *Rainhas da noite* (2013) são obras que tematizam as duas grandes guerras que assolaram Moçambique ao longo do século XX e as diversas formas de violência nelas/delas originadas. O artigo visa mostrar que há homologia, nos seis romances, no tratamento conferido ao modo como as personagens vivem o cotidiano de guerras e conflitos, de acordo com o período histórico que está em discussão. Para tanto, emprega-se um modo particular de agrupamento das obras que descarta a cronologia das publicações, em um recorte que seleciona e analisa, em primeiro lugar, aquelas ambientadas durante o período colonial para depois, em uma seção subsequente, analisar aquelas ambientadas no período pós-revolução. Naturalmente, como adverte Can (2021), há continuidades entre os dois momentos históricos, pois ambos instituíram estados de exceção. Por outro lado, são perceptíveis as modificações nos horizontes de expectativa das personagens africanas nos dois quadros temporais, da Guerra Colonial e da Guerra Civil, conforme verificaremos mais adiante.

As guerras, nos seis romances selecionados, são um plano de fundo histórico (e geográfico) bastante potente, elemento desencadeador da ação em todos os seis enredos: em *As duas sombras do rio*, os desdobramentos da Guerra Civil na região do Zumbo, no noroeste de Moçambique; em *As visitas do Dr. Valdez*, as personagens mudam para a cidade fugindo do avanço das guerrilhas nacionalistas pró-independência; em *Crónica da rua 513.2*, o retrato do cotidiano da capital exatamente no intervalo entre as duas guerras; em *Campo de trânsito*



to, a experiência limite e distópica vivida em um campo de prisioneiros; em *O Olho de Hertzog*, os desdobramentos dos conflitos em território moçambicano no âmbito da Primeira Guerra Mundial; em *Rainhas da noite*, uma investigação sobre o desenrolar da Guerra Colonial no norte do país e o envolvimento de grandes empresas multinacionais com o conflito.

Contudo, ainda que as guerras sejam invariavelmente o elemento desencadeador da ação, parece haver, nesse conjunto de seis romances, um modo preferencial do autor na abordagem de cada um dos conflitos, preconizando situações ficcionais em que a capacidade de falar, de dialogar é, em algum momento de cada umas tramas, colocada em questão, ao mesmo tempo em que a violência, o absurdo e a irracionalidade da guerra compõem o pano de fundo dos enredos. Nos seis romances, a abordagem dos conflitos se faz menos no âmbito da guerra propriamente dita e mais no âmbito da problematização da “(in)comunicabilidade” entre as personagens. O artigo sustenta que a ideia de “(in)comunicabilidade” não é apenas tema, mas sim vetor estruturante da ficção de João Paulo Borges Coelho, já que os romances do autor ficcionalizam, em diferentes modulações, a dificuldade e os desafios para a compreensão mútua e conciliação entre os diferentes grupos que compõem o tecido social moçambicano.

Assim, quando lidos em conjunto, é possível perceber que tanto os romances coloniais quanto os romances do pós-independência incorrem em procedimentos narrativos em comum; uma constatação que poderia ser sintetizada na seguinte formulação: o tratamento conferido ao período colonial nos romances de João Paulo Borges Coelho não se afasta da realidade material e da ênfase na materialidade histórica em que o espaço, minuciosamente observado, descrito e explicado pelo narrador e pelas personagens, funciona como um validador da verossimilhança, enquanto nos romances ambientados no pós-independência há um certo esvaziamento da percepção da história no nível das personagens.

Nesse sentido, interessa-me, de início, descartar a mecânica da recepção da ficção moçambicana como tradução de uma essência identitária ou de uma vida social demarcada nacionalmente. Trata-se de não desmerecer a especificidade dos problemas estéticos e de formalização da literatura moçambicana, o que não significa desconsiderar o modo como o histórico e o cultural atravessam as opções de estilização literária de um conjunto de romances. Pelo contrário: o objetivo aqui é conferir ênfase às estratégias narrativas, da construção de personagens em relação a tempo e espaço, em sua orientação quanto à vida coletiva atravessada de historicidade, e, mais importante, da constatação da “exceção” como norma das situações ficcionais propostas por Borges Coelho. Pois, conforme afirma Nazir Can (2021, p. 12), para Borges Coelho, “o modelo acabado da exceção pode se formalizar em qualquer lugar, do rio Zambeze ao espaço do lar, no ambiente de trabalho ou na praça pública, que abriga desde tempos remotos formas mais extremas de violência”. A leitura da história que o autor apresenta em suas obras deve ser lida também na sua construção ficcional, e não somente na chave alegórica. Note-se aqui uma coincidência da análise com o protocolo de leitura sugerido de passagem pelo próprio autor em entrevista a Carmen Tindó Secco, quando ele diz que, por ser também historiador, tentaria se libertar da História, acrescentando que a África “padece de um excesso de história” (Secco, 2009, p. 175-176).

2. A guerra colonial

Os romances *As visitas do Dr. Valdez*, *O Olho de Hertzog* e *Rainhas da noite* são ambientados durante o período histórico em que Moçambique foi colônia de Portugal, desde o início do século XX a 1975, ano da Revolução que declara a Independência nacional. Em termos estratégicos, são três enredos situados em momentos de guerra, transição ou crise, como os últimos momentos do domínio colonial em *As visitas do Dr. Valdez*, os desdobramentos da Primeira Guerra Mundial em território moçambicano em *O Olho de Hertzog* e a articulação das lutas de libertação em *Rainhas da noite*.

Conforme se sabe, o período colonial representou uma imensa fratura na história do continente africano. Na condição de “fato social total” (Cabaço, 2009), a implantação do colonialismo modificou profundamente as relações sociais vigentes na África e novos modos de sociabilidade surgiram decorrentes das necessidades criadas pelo próprio sistema. Uma breve contextualização, acerca das condições de avanço das metrópoles europeias sobre os territórios africanos a partir do modelo definido pela Conferência de Berlim, nos mostra que o projeto colonial europeu foi essencialmente de exploração, ou seja, uma colonização de ocupação territorial para fins de exploração econômica em benefício das metrópoles europeias. Sendo todos os movimentos imperialistas violentos (Said, 2011), o escoamento de riqueza para as economias europeias afetou de maneira cabal, como seria de se esperar, o modo de vida local, reestruturando o cotidiano nos diferentes segmentos populacionais no continente. Responsável tanto por deturpar quanto por promover uma espécie de reordenamento na percepção humana sobre a realidade (Loomba, 1998), a experiência colonial teve como um dos elementos mais fundamentais a coleta e organização de informações sobre territórios e pessoas submetidas aos poderes coloniais, pois, embora os europeus já tivessem encontrado povos não europeus antes dos séculos XV e XVI, foi a partir de então que foram estabelecidas essas duas categorias, “o colonizador e o colonizado”, como opostos binários. Tal atitude significou, para ampla maioria da população africana, a sucessiva imposição de violações de direitos e regimes de trabalho compulsório e degradante (Zamparoni, 2012).

No caso específico da colonização portuguesa no território que passa, a partir do final do século XIX, a se chamar Moçambique, é preciso considerar que a despeito das sucessivas tentativas do Estado português de, à época, propagandear um tipo de colonização “mais humanizada”, o avanço do colonialismo português sobre os territórios africanos não foi menos ameno do que os demais projetos europeus. Mesmo considerando que a mestiçagem tenha permitido alguma movimentação social para parcelas ínfimas da população (Sousa, 2015), a sociedade colonial em Moçambique era essencialmente composta por uma casta colonial branca burguesa capitalista, aderida aos interesses do Estado Novo português, sustentada por uma larga base formada por indivíduos categorizados como indígenas, uma força de trabalho precarizada e praticamente escravizada; dois grupos separados por um diminuto, mas significativo, segmento social heterogêneo médio, de indivíduos categorizados como assimilados (Zamparoni, 2012). É importante destacar que “indígena” e “assimilado” foram categorias civis criadas pela administração colonial portuguesa por meio de um “novo arcabouço jurídico” que teria como propósito dividir a



população de acordo com o “grau de civilidade” apresentado. O objetivo era consagrar “uma forma de enxergar o universo sociocultural africano a partir de duas noções opostas, porém complementares, caras ao ideário evolucionista: o estado de ‘selvageria’ e a ‘civilização.’” (Macagno, 2014, p. 33).

Contudo, um panorama histórico do período colonial em Moçambique mostrar-se-ia parcial e incompleto se não considerasse, para além das relações metrópole/colônia, tipos particulares de dinâmicas mundiais que inseriram a então jovem nação africana numa rede de relações transnacionais específicas, de interesses capitalistas e imperialistas. Há de se considerar, igualmente, o modo como a circulação de pessoas se fez na África Austral no contexto da Primeira Guerra Mundial e que envolveu, principalmente, portugueses, ingleses e alemães (Alves; Braun, 2021).

As visitas do Dr. Valdez é um dos primeiros romances moçambicanos publicados neste século que se dispõem a tematizar o período colonial. Nessa incursão sobre o tema, Borges Coelho optou por tratar do período por meio de um enredo que narra a gradual modificação de uma dinâmica familiar, uma deterioração que acompanha a degradação do regime colonial em Moçambique e a intensificação da luta armada na parte mais ao norte do país. Romance de cronologia fraturada pelas constantes evocações da memória das personagens, trata da inquietude e incerteza geradas pelo avanço cada vez mais impiedoso da guerra, pelo descompasso entre o interior amargurado das personagens, preso ao passado, e a velocidade das transformações do presente.

De modo geral, há menções pontuais à guerra em *As visitas do Dr. Valdez*, que se desdobra ao largo, ainda que o avultamento do conflito seja diretamente responsável pela deterioração dos núcleos familiares da trama e o abandono da propriedade na Ilha do Ibo. A guerra é usada como justificativa para separação precoce de mãe e filha, Amélia de sua filha Ana, enviada para Portugal, provocando o agravamento da saúde mental da personagem. A guerra também é responsável pela morte violenta de Cosme Paulino, e do conseqüente trauma que tal agressão provoca em seu filho Vicente. O dia em que a Guerra Colonial chega ao fim coincide com o dia em que Caetana deixa Vicente em Moçambique e parte, em definitivo, rumo a Portugal.

A temática colonial é retomada pela ficção de Borges Coelho em *O Olho de Hertzog*, romance que extravasa a dimensão nacional em termos históricos e geográficos, centrando-se nos acontecimentos relativos a certos prolongamentos, no território de Moçambique, da Primeira Guerra Mundial e na presença de forças alemãs envolvidas em episódios de luta armada nesse contexto (Helgesson, 2013). O enredo desse romance se desenvolve em torno das aventuras de um misterioso alemão de nome Hans Mahrenholz que, disfarçado, chega a Lourenço Marques (primeiro nome da capital de Moçambique) em busca de um diamante perdido chamado “O Olho de Hertzog”. Na cidade, estabelece contato com João Albasini, jornalista e “assimilado”, que passa a ser seu “guia local” (Alves; Braun, 2021).

Há, na obra, muitas cenas de ação de guerra que se desenvolvem no “mato”, espaço inóspito que é apresentado em contraponto à modernidade da nova capital colonial, cidade que condensa e expressa, em diferentes níveis, a complexidade da nova ordem mundial à qual passa a pertencer. Há todo um plano narrativo ambientado em batalhas, ou em meio ao cotidiano do conflito, relatado com minúcia por um narrador/soldado envolvido diretamente na ação.

Quanto a *Rainhas da noite*, o terceiro romance desse conjunto, pode-se dizer que sintetizar seu enredo é tarefa complexa, em grande parte pelo recurso da narrativa dentro da narrativa que, aqui, é ativada pelo motivo do “livro dentro do livro”. Trata-se de um romance sobre um “manuscrito encontrado”, um caderno de notas escrito no contexto de surgimento e articulação dos movimentos de libertação colonial, que ganham fôlego, na África sob jugo português, a partir da década de 1950.

O romance inicia quando um sujeito anônimo narra o processo de composição de um romance escrito a partir do relato de uma mulher portuguesa no norte de Moçambique durante a Guerra Colonial. Ao relato do caderno somam-se várias outras fontes, algumas documentais encontradas no Arquivo Municipal, e o próprio relato de um certo Travessa Chassafar, um homem já idoso que havia trabalhado como empregado doméstico na casa da portuguesa.

As visitas do Dr. Valdez, *O Olho de Hertzog* e *Rainhas da noite* são três romances que reincluem, de maneira decisiva, a discussão sobre o colonialismo em Moçambique em um quadro de representações literárias mais complexas sobre o período, contribuindo para o alargamento da compreensão desse momento histórico e das dinâmicas sociais e políticas ali envolvidas. Não há, contudo, pacificação ideológica na composição narrativa de nenhum dos três romances, pois as singularidades subjetivas e culturais, além da própria configuração colonial, são mantidas. Isso se dá por atenção a determinadas mediações e estratégias, agenciadas pelas personagens nativas moçambicanas.

A interlocução entre as diferentes personagens ocupando diferentes posições sociais na hierarquia colonial acontece por conta da simulação, no caso do disfarce usado pela personagem Vicente, em *As visitas do Dr. Valdez*, por mediação da palavra pública, no caso dos textos escritos pelo jornalista João Albasini parcialmente reproduzidos em *O Olho de Hertzog* e pelo relato de Travessa Chassafar em contraponto à narrativa do caderno de notas escrito pela personagem Maria Eugénia, em *Rainhas da noite*. Esse enquadramento faz emergir a figura do homem moçambicano comum em meio às profundas modificações políticas e sociais resultantes do processo colonial. Só tais mediações, apoiadas no acaso e/ou na exceção, permitem de certo modo “driblar” o enredo colonial e pôr em interlocução sujeitos em diferentes posições no quadro do conflito colonial em Moçambique. Nos três romances, o sentido de transitoriedade (a história está mudando) vem acompanhado pelo aprendizado e pela possibilidade de superação da incomunicabilidade entre as personagens de diferentes pertencimentos raciais. Sendo a africanidade experiência, e não essência (Said, 2011), os romances parecem indicar que a vivência de tais ciclos, proporcionando experiências individuais mas que são ligadas e superpostas às experiências de outrem, devem ser interpretadas em contraponto ou comparativamente, e não em seu sentido absoluto.

3. A Guerra Civil

Uma sangrenta guerra civil irrompe em Moçambique depois de um breve período de paz após a declaração de Independência nacional, dando início a um governo comandado pela Frente de Libertação de Moçambique, a FRELIMO. Cabe aqui, mais uma vez, nos referirmos

ao contexto político que, como se sabe, foi o principal motor das bruscas mudanças vivenciadas pela sociedade moçambicana no século XX.

A ação do movimento anticolonial em prol da independência de Portugal, concretizada no ano de 1975, veio a modificar drástica e rapidamente o cenário sociocultural da nova nação moçambicana: “os primeiros anos foram vividos sob o signo da viragem, numa atmosfera que tendia a envolver personagens de todos os lados da luta que levou à criação e à defesa dos novos estados nacionais” (Chaves, 2010, p. 84). Ou ainda, nas palavras de Pina Cabral (2005, p. 235), “a Independência, portanto, foi vivida universalmente com um enorme sentimento de esperança e o país estava inicialmente em paz.” E, nesse contexto, “o novo regime procurou uma construção alternativa aos valores coloniais (...) filtrad[o]s pelo novo e pelo moderno nacionalismo nos quais não cabiam nem o colonial nem a obscura tradição” (Coelho, 2009). Tal alternativa, contudo, estava igualmente caracterizada pelo sentido de contradição: “as divergências encontravam eco nas diferenças fomentadas pela administração portuguesa no ‘mapa étnico’ que tinham institucionalizado e nos desequilíbrios regionais criados pela estrutura produtiva implantada pelo colonialismo” (Cabaço, 2009, p. 290).

A construção de uma nova unidade sociocultural demandava uma nova estrutura política que recusasse a diversidade étnica e as particularidades regionais e culturais. Os efeitos contraditórios da independência de Moçambique, conjugados a uma prática revolucionária “situada entre o que não se quer mais e o que se pretende instituir” (Mariani, 2012, p. 61), caracterizaram os primeiros anos pós-independência no país. Se, por um lado, o nacionalismo exaltado pela Frelimo foi visto como a principal via de libertação do jugo colonial português, por outro, pode-se dizer que foi igualmente responsável por conferir legitimidade a uma narrativa que tomava a história de Moçambique por meio de perspectivas que desconsideravam a complexidade sociocultural local. Conjugados às forças externas que almejavam a desestabilização do novo governo, tais movimentos contribuem para a eclosão da Guerra Civil que durará até o início da década de 1990. Foi, em suma, um conflito que alcançou “grandes proporções, quer em termos de violência e destruição, quer em alcance geográfico (...) a que o Acordo de Paz de 1992 veio pôr fim” (Mendonça, 2018, p. 34).

Conforme já destacado, *As duas sombras do rio*, *Crónica da rua 513.2* e *Campo de trânsito*, tomados em conjunto, sinalizam uma tendência da ficção de Borges Coelho de tematização do período do pós-independência e dos conflitos advindos da Guerra Civil que apela a elementos alegóricos, que se manifestam na história das personagens Leónidas Ntsato, Tito Nharreluga e J. Mungau. Nesses três romances, discute-se os dilemas de coletividades constituídas por indivíduos de diferentes procedências, a princípio sem laços constituídos, que passam a partilhar de um mesmo espaço, por conta das circunstâncias políticas as quais estão submetidos, sobre as quais não têm controle. Nessas três obras, as personagens se deslocam, às vezes a esmo, e reagem aos acontecimentos, por vezes sem que possam exercer sua vontade individual. Borges Coelho ressalta tal descontrole pela situação ficcional, na medida em que submete essas personagens ao enfrentamento de situações de exceção, próximas em tudo das ditaduras políticas, mas diretamente relacionadas a um estatuto do absurdo e do desconhecido, na ótica mesma do inexplicável kafkiano (Banasiak, 2022). Mostra-se, nesse sentido, o homem moçambicano perturbado

pela tensão entre o sentido fraturado do (pertencimento) coletivo e a operação de tábua rasa realizada pelo projeto revolucionário nacional da Frelimo após a independência e reforçada nos anos subsequentes, estimulada pelo avanço da Guerra Civil.

As duas sombras do rio é ambientado na região do Zumbo, no meio da década de 1980, em plena Guerra Civil que assolou Moçambique logo após a Independência nacional. Localizada no território mais a oeste de Moçambique, trata-se de um território de fronteira, afastado da capital do país, mas, ao mesmo tempo, de grande agitação econômica e movimentação humana. No romance, é uma zona de guerra, mas também de convivência entre locais e estrangeiros, nos quais interesses particulares aparecem em conflito, mas também mediados pelos próprios interesses institucionais.

O romance abre com uma cena de grande impacto: um pescador chamado Leónidas Ntsato acorda de um aparente desmaio no meio do rio Zambeze. Sua vida está, a partir do evento, irremediavelmente afetada pela profunda alienação que lhe acomete, afastando-o do convívio social, ao mesmo tempo em que a guerra se encarrega de desestruturar a vida dos demais habitantes da região. Pina Cabral (2005, p. 238) define o romance como “um ensaio ficcional sobre o tema do colapso das relações de fraternidade que acompanharam a guerra civil.” Ao mesmo tempo, no romance, o rio aparece como “fronteira a separar diferentes cosmogonias”, viabilizando uma leitura alegórica do romance: “a acumulação de significações em suspenso escapa à leitura unívoca de um relato e remete a percepção da violência para um campo de incerteza e questionamento” (Mendonça, 2020, p. 75-76).

Crónica da rua 513.2 é, dentro do conjunto da obra do autor, o único romance cujo título faz referência a um gênero textual/narrativo (Chaves, 2010). Ambientado na capital moçambicana logo nos dias seguintes à revolução que deu fim ao período colonial, narra um cotidiano decisivamente afetado pelas transformações políticas que se seguem à proclamação da Independência nacional. A narrativa inicia quando novos moradores chegam para ocupar as casas de uma rua da capital agora denominada Maputo, abandonadas pela fuga dos antigos moradores de origem portuguesa, que vão embora logo após a Revolução. A fuga, muito súbita, faz com que os antigos moradores “reapareçam”, na condição de “vestígios”, passando a se comunicar com os novos moradores vindos do subúrbio e que agora ali habitam.

Em meio às tramas paralelas que vão se avultando à medida que a narrativa avança, destaca-se a de um dos novos residentes da rua 513.2, um jovem vindo do interior chamado Tito Nharreluga: um dia, é capturado pelas forças de segurança que patrulham a capital e levado para um campo de reeducação onde é morto, transformando-se, de forma misteriosa, em *nguluvi*, uma espécie de tempestade que retorna a Maputo para se vingar de seu captor, um comandante do exército que, ironicamente, também ocupava uma das casas da rua.

Campo de trânsito, publicado em 2007, é, de acordo com Nazir Can (2021, p. 52), uma obra que “pensa a exceção”, protagonizada por uma personagem que se movimenta, mas que está, ao mesmo tempo, confinada a lugares de exceção. Ambientado em tempo e lugar não nomeados, o romance narra a história de um certo J. Mungau, habitante de uma cidade que é um dia levado, sem saber o porquê, para um “campo de trânsito” administrado pelo Estado. Ali permanece em um estado de indefinição, enquanto aguarda transferência para outro campo. Sem nunca

descobrir ao certo a que tipo de acusação responde, passa grande parte da narrativa vagando a conversar com os diferentes tipos que lá habitam, nomeados ora por apelidos, ora de acordo com a função que exercem.

Depois de certo tempo de convivência com as demais personagens do estranho lugar, refletindo sobre os propósitos de cada um e as hierarquias que determinam a posição, ou o papel, de cada um dos sujeitos, Mungau “opta pela integração no cotidiano da realidade em que foi obrigado a começar a funcionar” (Banasiak, 2022, p. 145), descobrindo-se, por fim, apto e desejoso, ele próprio, de assumir seu lugar como parte integrante do sistema. O romance termina no mesmo lugar onde começou, na cidade, com um caminhão carregado de novos prisioneiros prontos para partir, novamente, rumo ao desconhecido local onde estão os campos. O campo de trânsito, por fim, abdica da transitoriedade que o nomeia e se transforma num destino, no qual o sentido das coisas é subvertido e exceções passam a ser normas.

Nesses três romances, abre-se espaço para a desestabilização do realismo e da verossimilhança pela incorporação de elementos da ordem da exceção que constituem, por sua vez, as linhas narrativas diretamente associadas às personagens do homem moçambicano comum, cujo cotidiano está diretamente afetado pelo absurdo da guerra e de seus efeitos nefastos, causando-lhes algum tipo de alienação irreversível. Leónidas Ntsato, Tito Nharreluga e J. Mungau estão inexoravelmente vinculados ao estranho, ao sobrenatural e ao inexplicável; personagens que vivem experiências limite, experimentando a interdição e a incomunicabilidade; retiradas, à sua revelia, das vidas familiar e social, diferentemente do que ocorre com as personagens Vicente, João Albasini e Travessa Chassafar. Nos três romances do pós-independência, o início das narrativas é marcado pelo sobressalto, pelo susto, pela ruptura abrupta com a realidade, ocasionada por fatores que não são exatamente compreendidos pelas personagens: as três narrativas se iniciam de modo súbito, com os acontecimentos já em curso, pegando as personagens de surpresa, e terminam sem que haja solução ao alcance para os dilemas que vivenciam, deixando prevalecer um sentido de incomunicabilidade de difícil superação.

4. Conclusão

Tendo por alvo o estudo de seis romances de João Paulo Borges Coelho, a leitura aqui desenvolvida buscou mostrar que parece haver, na ficção do autor, um certo modo preferencial para abordar as guerras e seus efeitos em Moçambique. As personagens de Borges Coelho são indivíduos que, cada um à sua maneira, vivenciam o choque do homem local quando confrontado às dinâmicas de violência resultantes das guerras encenadas em território moçambicano no século XX. Contudo, ainda que consideremos as especificidades de cada um dos romances, conforme mostra o extenso trabalho crítico já realizado sobre a obra ficcional do autor, a conclusão a que aqui se chega é que, tendo em conta o recorte proposto, há, de fato, evidentes homologias no tratamento conferido a diversos temas quando consideramos também o período histórico que está em discussão. Pois, enquanto em *As visitas do Dr. Valdez*, *O olho de Hertzog* e *Rainhas da noite* as personagens Vicente, Albasini e Chassafar são sujeitos inseridos na história

(tendo, inclusive, consciência de que o são), nos romances *As duas sombras do rio*, *Crônica da rua 513.2* e *Campo de trânsito*, as personagens Leónidas, Tito e J. Mungau estão, ou são colocados, à margem da história.

Ressalte-se, contudo, que a presente leitura não busca o reducionismo interpretativo, tentando encaixar as obras em uma forma interpretativa pré-concebida; pelo contrário. João Paulo Borges Coelho é um ficcionista habilidoso, tendo à disposição muito repertório, conhecimento material e recursos artísticos e estéticos. O recorte aqui proposto vem a sistematizar grande parte das conclusões já apontadas pela crítica. Nesse sentido, vimos a confirmar que, no caso do período colonial, a ficção de Borges Coelho definitivamente se afasta de visões dicotômicas, chamando atenção para a complexidade dos núcleos familiares coloniais (como em *As visitas do Dr. Valdez*), para a complexidade das relações regionais/fronteiriças de Moçambique, o quadro político e econômico regional, esvaziando, mais uma vez, a dicotomia “colonizadores e colonizados” (como em *O Olho de Hertzog*), e ressaltando a complexidade da construção da memória histórica (como em *Rainhas da noite*). No caso do período pós-revolução, em *As duas sombras do rio*, *Crônica da rua 513.2* e *Campo de trânsito*, ainda que os três romances construam quadros históricos bastante precisos, há o flerte com o absurdo, com a exceção, e a possibilidade de conciliação e do fim dos conflitos entre os diversos tipos humanos que habitam o território moçambicano se desfaz, já que tais personagens, de forma muito significativa, são mantidas em estado de exceção.

A incomunicabilidade já foi percebida em várias análises sobre a obra ficcional de João Paulo Borges Coelho. Minha contribuição, neste artigo, consiste em apontá-la como temática estruturante na ficção do autor, na medida em que parte considerável de sua obra explora situações ficcionais que, em alguma escala, tematizam e encenam a dificuldade, ou a interdição, do diálogo entre os diferentes sujeitos que compõem o tecido social moçambicano. Tais modos de narrar as relações humanas vividas ao longo das guerras conferem singularidade ao projeto ficcional do autor que se desvia, em grande parte, de centrar a ação desses romances nos conflitos armados, na belicosidade das guerras, preferindo explorar o estabelecimento de laços possíveis entre indivíduos de diferentes pertencimentos sociais e raciais vividos nesses contextos, ao mesmo tempo que parece disposto a chamar atenção para um certo sentido de alienação decorrente dos sucessivos choques provocados pela vivência de conflitos armados tão intensos.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora não tem conflitos de interesse a declarar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ricardo L. P.; BRAUN, Ana Beatriz M. Lourenço Marques em *O Olho de Hertzog* e *As Mulheres do Imperador*. **Portuguese Cultural Studies**, vol. 7, iss. 2, Article 6, 2021. p. 54-69. Disponível em: <<https://openpublishing.library.umass.edu/p/article/id/383/>>. Acesso em: 27 jul. 2024.



BANASIAK, Marta. Campo de trânsito: uma análise comparativa no contexto da biopolítica moderna. *In*: BRUGIONI, E.; GALLO, F.; ZANFELICE, G. (orgs.). **A obra literária de João Paulo Borges Coelho**. Panorama crítico. Campinas: Editora Unicamp, 2022. p. 125-148.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique**: identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CABRAL, João de Pina. Crises de fraternidade: literatura e etnicidade no Moçambique pós-colonial. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 24, jul./dez. 2005. p. 229-253. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/FycQ5qN3qqTv8ZRFH7q5NPh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

CAN, Nazir Ahmed. João Paulo Borges Coelho e a partilha de mundos. *In*: LEITE, Ana Mafalda et al. **O romance africano**: tensões, conexões, tradições. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. p. 321-241.

CAN, Nazir Ahmed. **João Paulo Borges Coelho**: ficção, memória, cesura. Rio de Janeiro: Edições Folha Seca, 2021.

CHAVES, Rita. Ondjaki e João Paulo Borges Coelho: Narrativas e(m) transição. *In*: **Via Atlântica**, n. 17, 2010. p. 83-101. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50535>>. Acesso em: 27 jul 2024.

CHAVES, Rita. O romance em João Paulo Borges Coelho: respirar a diferença na escrita. **Mulemba**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, 2018. p. 14-31. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/15620/15971>>. Acesso em: 27 jul 2024.

COELHO, João Paulo Borges. As duas guerras de Moçambique. **Entre Áfricas e Brasis**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Marco Zero, 2001. p. 75-90.

COELHO, João Paulo Borges. **As duas sombras do rio**. Maputo: Ndjira, 2009.

COELHO, João Paulo Borges. **As visitas do Dr. Valdez**. Maputo: Ndjira, 2009.

COELHO, João Paulo Borges. **Campo de trânsito**. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

COELHO, João Paulo Borges. **Crónica da rua 513.2**. Maputo: Ndjira, 2006.

COELHO, João Paulo Borges. Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta. Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colônias portuguesas. **Lusotopie**, n. 10, 2003. p. 175-193.

Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2003_num_10_1_1554>. Acesso em: 25 mar. 2024.

COELHO, João Paulo Borges. E depois de Caliban? A história e os caminhos da literatura no Moçambique contemporâneo. *In*: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando R. (orgs.). **África-Brasil: caminhos da língua portuguesa**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p. 57-68.

COELHO, João Paulo Borges. Memória das guerras moçambicanas. *In*: RIBEIRO, António Sousa; RIBEIRO, Margarida Calafate (orgs.). **Geometrias da memória**: configurações pós-coloniais. Porto: Edições Afrontamento, 2016. p. 327-337.

COELHO, João Paulo Borges. **O Olho de Hertzog**. Maputo: Leya, 2010.

COELHO, João Paulo Borges. **Rainhas da noite**. Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

HELGESSION, Stefan. João Paulo Borges Coelho, João Albasini and the worlding of Mozambican literature. **Anuário de Literatura Comparada**, n. 3, 2013. p. 91-106. Disponível em: <revistas.usal.es/index.php/1616_Anuario_Literatura_Comp/article/download/12441/12777/>. Acesso em: 30 mar. 2024.



LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism**. Routledge, 1998.

MACAGNO, Lorenzo. Assimilacionismo. In: SANSONE, Livio; FURTADO, Claudio (orgs.). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 31-46.

MARIANI, Bethania. Discurso revolucionário moçambicano e a escrita do homem novo. **Via Atlântica**. São Paulo, n. 21, jul/2012. p. 59-74. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51027>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

MENDONÇA, Fátima. Espaços de violência na narrativa moçambicana contemporânea. **Mulemba**. Rio de Janeiro, vol. 10, n. 18, jan-jun, 2018. p. 32-43. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/15996>>. Acesso em: 30 jun. 2024.

MENDONÇA, Fátima. Panorama (muito geral) da ficção narrativa moçambicana contemporânea. In: QUEIROZ, Mirna (org). **Travessias imaginárias: literaturas de língua portuguesa em nova perspectiva**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020. p. 56-95.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. Entrevista com João Paulo Borges Coelho. **Metamorfoses - Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros**, v. 10, n. 1, 2009. p. 167-178. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/metamorfoses/article/view/57484>>. Acesso em: mar/2022.

SOUSA, Sandra. **Ficções do Outro: Império, Raça e Subjectividade no Moçambique Colonial**. Lisboa: Esfera do Caos, 2015.

ZAMPARONI, Valdemir. **De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique**. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2012.